



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

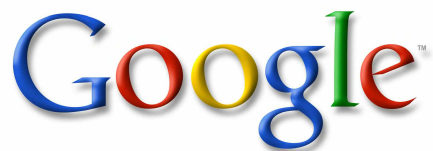
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

869.9

Q3

1904

A 468874

DUPL

PROPERTY OF
*University of
Michigan
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS

Costavo Soares
2/4/18

30.

ANTHERO DE QUENTAL

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PHILOSOPHIA

DA

HISTORIA LITTERARIA PORTUGUEZA

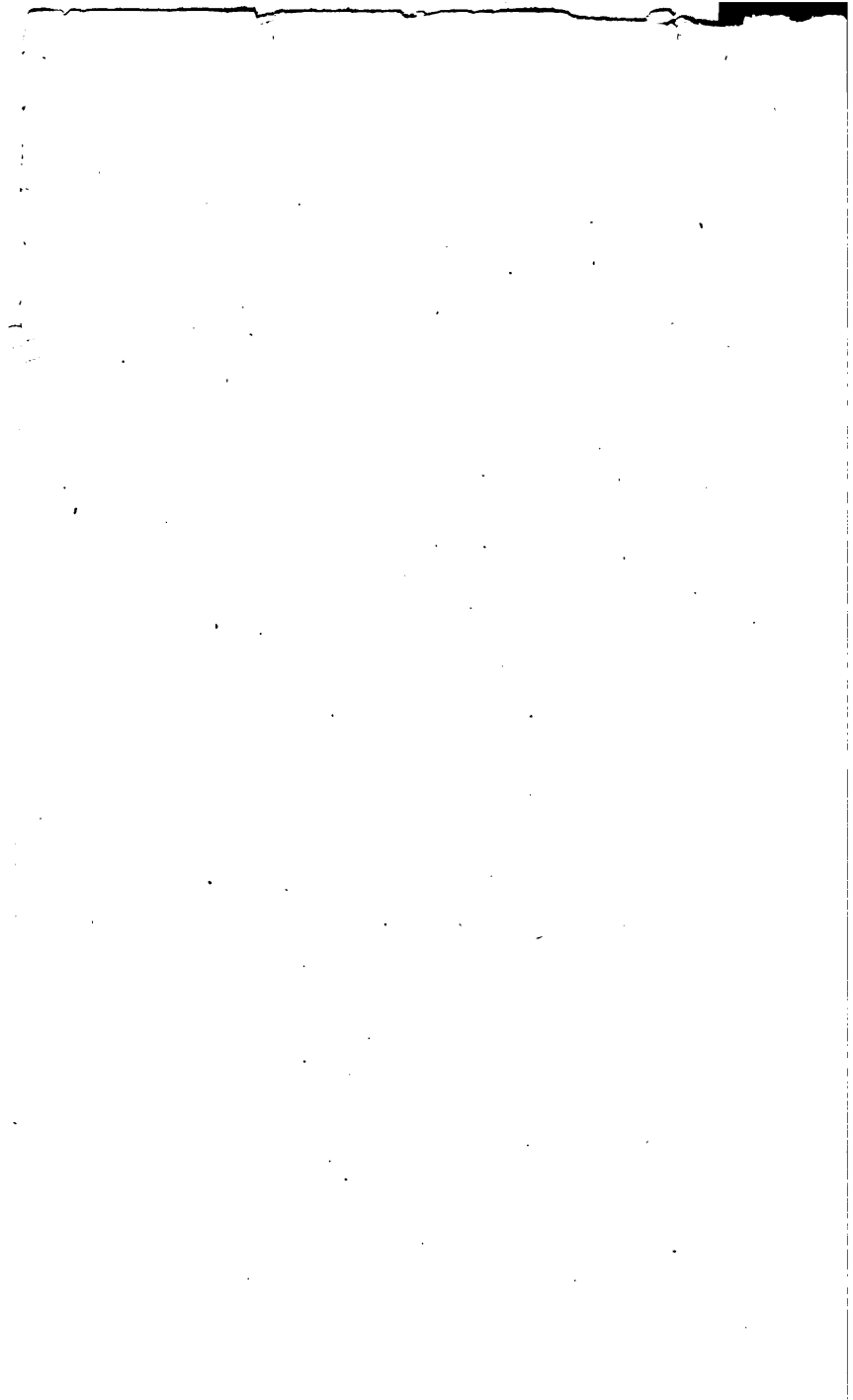
(A PROPOSITO D'ALGUNS LIVROS RECENTES)

2.^a EDIÇÃO



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
LELLO & IRMÃO, EDITORES

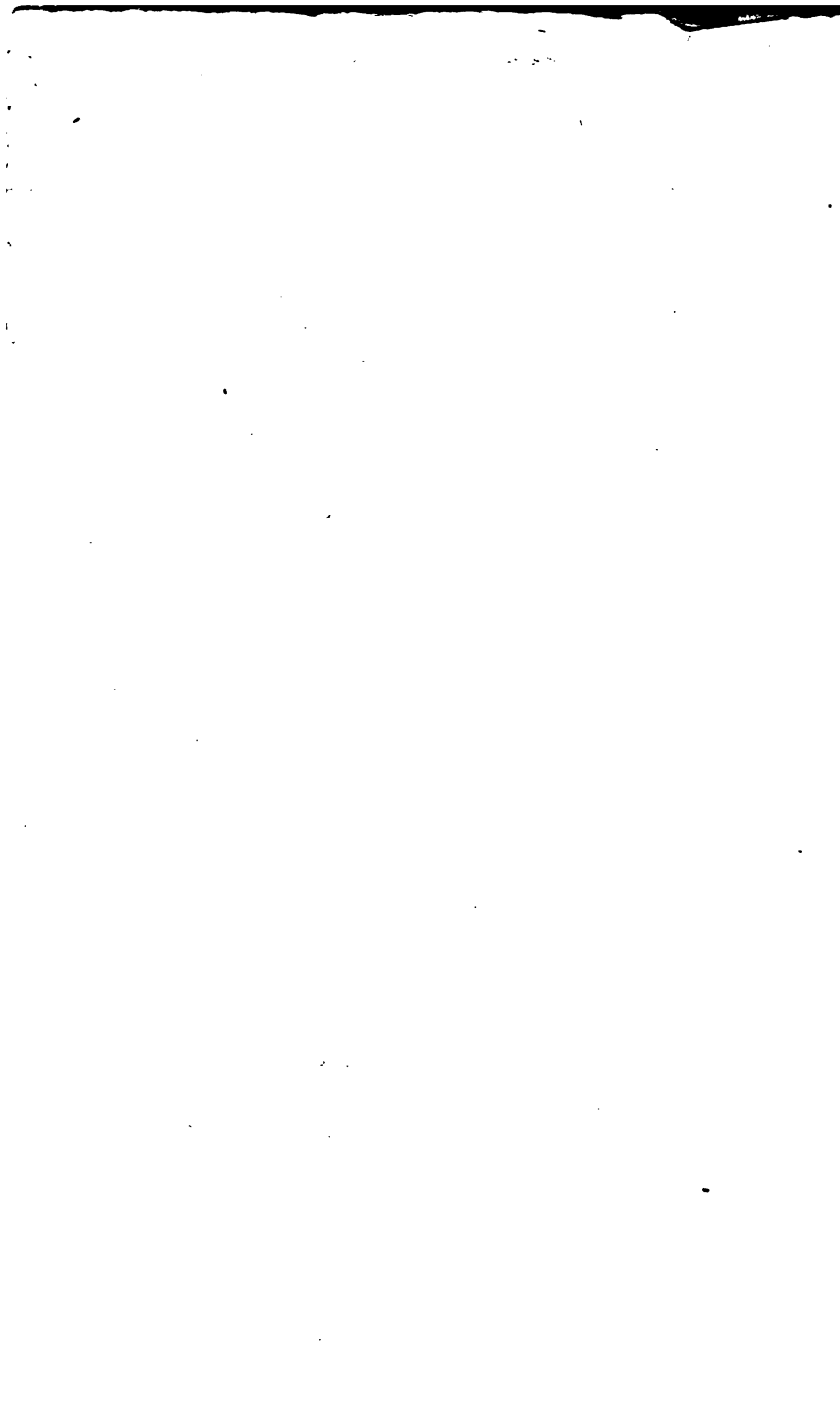
1904



CONSIDERAÇÕES SOBRE A PHILOSOPHIA

Constante Soares de
2/1/
HISTORIA LITTERARIA PORTUGUEZA





Anthero de Quental
2/X/18

ANTHERO DE QUENTAL

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PHILOSOPHIA

DA

ISTORIA LITTERARIA PORTUGUEZA

(A PROPOSITO D'ALGUNS LIVROS RECENTES)

2.^a EDIÇÃO



PORTO
LIVRARIA CHARDRON

LELLO & IRMÃO, EDITORES

1904

869.9

Q3

1904

63-259380

ADVERTENCIA

Foi publicado originariamente este pequeno trabalho em folhetins no jornal o «Primeiro de Janeiro». Parecendo, porém, a algumas pessoas de gosto que havia nas minhas considerações verdade e justiça suficientes, e que valeria a pena, por isso, dar mais alguma circulação ás idéas emittidas, resolvo-me, para satisfazer ao voto d'essas pessoas, a imprimir á parte estas paginas, accrescentando-lhes algumas observações, suggeridas pelo escripto do snr. M. Pinheiro Chagas, «Desenvolvimento da Litteratura Portugueza», que só pude vêr depois de publicados os folhetins.

A. de Q.



Philosophia da Historia Litteraria Portugueza

Os Lusíadas; ensaio sobre Camões e a sua obra, em relação á sociedade portugueza e ao movimento da Renascença, por J. P. de Oliveira Martins. Porto, 1872.

Theoria da Historia da litteratura portugueza; these para o concurso á cadeira de Litteratura moderna, no Curso superior de letras, por Theophilo Braga. Porto, 1872.

I

A philosophia das litteraturas é uma criação do nosso seculo, cujo genio, ao mesmo tempo subtil e profundo, se revela sobretudo nos estudos historicos, e a que um mixto particular de entusiasmo e scepticismo, de erudição e intuição, dá uma singular facilidade para penetrar o character das varias raças, o espirito das varias idades e civilisações.

Uma maneira mais intima e juntamente mais larga de comprehender a humanidade e o individuo, que caracteriza o pensamento moderno, explica esta especie de condão magico com que o nosso seculo tem aberto os recessos obscuros, em que a alma dos tempos antigos parecia haver-se para sempre sepultado, defendida pelo silencio e pelo mysterio.

Com effeito, em quanto se não viu, por um lado, na humanidade um *todo* vivo, cujos movimentos são determinados por leis naturaes e constantes, embora complexas e obscuras, e, por outro lado, no individuo, dentro da humanidade, uma força, não caprichosa, mas coherente, embora livre, e cujas manifestações são todas respeitaveis e legitimas, tendo todas a sua razão de ser e o seu valor; em quanto, sobretudo, se não comprehendeu que os momentos da historia não são contradictorios entre si, mas representam varios termos d'ua serie por onde o espirito humano, ascendendo, se affirma, transformando em parte as condições do *meio* em que se move, e em parte subordinando-se a ellas, e que, por isso, esses momentos não devem tanto ser *julgados* como *comprehendidos*; em quanto este ponto de vista, ao mesmo tempo idealista e scientifico, se não estabeleceu — a historia critica, intima, psychologica, era impossivel, e impossivel tambem a philosophia da historia.

É por esta razão que a critica e historia litterarias soffreram em o nosso tempo uma completa e profundissima renovação, e que a historia philosophica das litteraturas só recentemente se pôde constituir.

Considerava-se, ha 100 annos ainda, a obra litteraria como uma criação meramente individual, determinada apenas pelo sentimento pessoal, o genio, as disposições do poeta: não se via a relação estreita que ha entre a inspiração do individuo e o pensamento da época, a raça, o meio social, e o

momento historico. Uma poetica, tão estreita quanto inflexivel, media tudo, as producções de povos e tempos os mais diversos, por uma unica bitola, o *gosto*, e, dominada pela preocupação fanatica do *classico*, bania da historia épocas e raças inteiras, condemnadas como barbaras, incultas, *rudes*. O que ha de mais caracteristico e muitas vezes de mais profundo na obra d'arte, a revelação do sentir intimo dos homens nas diversas condições moraes e sociaes, ficava d'este modo perdido para a critica, era despresado em nome d'um ideal de perfeição uniforme, em grande parte convencional, e em todo o caso abstracto e, por isso, irrealisavel.

Sabemos hoje que a esthetica, sob pena de se excluir systematicamente da realidade, não póde ser absoluta senão nas suas leis fundamentaes, isto é, n'aquillo mesmo em que é absoluto e immutavel o espirito humano: em tudo mais é, como elle, variavel e progressiva. Tem uma statica e uma dinamica: e se a primeira, que é toda abstracta, explica e dá a razão da segunda, que é toda concreta, é a segunda quem explica e dá a razão das obras d'arte, naturalmente concretas e contidas nas condições do tempo e do meio. Ao methodo exclusivamente abstracto substituiu-se o methodo historico, e para logo todas as litteraturas, as antigas e as modernas, as barbaras e as cultas, alumiadas por uma luz nova, appareceram com as suas feições caracteristicas, os seus relevos naturaes, os seus contornos, e vieram tomar cada qual o logar que lhe competia na serie

dos desenvolvimentos do espirito humano. Para logo tambem se tornou manifesta a alta significação das litteraturas, testemunhas desprevenidas e candidas, vindo depôr uma após outra sobre o viver intimo das respectivas sociedades, e denunciando ingenuamente a feição psychologica correspondente a cada povo e a cada idade. A philosophia da historia encontrou n'ellas o instrumento mais delicado e, ao mesmo tempo, o mais preciso, para determinar o grau de valor moral de cada civilisação: na sua mão um poema pôde tornar-se, muitas vezes, o ramo d'ouro da sibylla, com que descesse á região dos mortos, a interrogal-os; versos cantados ha mil, ha dous e tres mil annos por poetas desconhecidos, explicaram os movimentos das raças, as origens, os esplendores, as revoluções e as catastrophes dos imperios.

A historia litteraria deixou de ser uma curiosidade: appareceu como uma realidade cheia de vida e de expressão. Correspondendo a uma ordem de phenomenos distinctos e importantissimos, tornou-se objecto d'uma sciencia e, como tal, um ramo da philosophia. Hoje por toda a Europa, os estudos de historia litteraria, transformados, seguem com firmeza no caminho aberto com juvenil impetuosidade pela escóla allemã do começo d'este seculo: refundem-se, desenvolvem-se ou corrigem-se as primeiras conclusões, naturalmente incompletas umas e outras prematuras ou em extremo systematicas, e á grande renovação sahida d'este movimento se ligam muitos

dos nomes mais illustres e das obras mais fecundas do nosso tempo.

Entre nós, as duas gerações litterarias, que se succederam desde 1830 até hoje, mais apaixonadas e criadoras do que criticas, mais poeticas e entusiastas do que reflectidas, e, sobretudo, dominadas por aquella como que instinctiva repugnancia ás ideas geraes propria d'um povo educado pelo catholicismo no que elle tem de mais estreito e esterilizador, receberam com desdem, ou apenas aceitaram, o que havia de mais superficial no movimento renovador, quando não o ignoraram completamente. A historia litteraria continuou *erudita*, como d'antes, na sua gravidade inexpressiva, e a critica, apesar de muitas proclamações revolucionarias, acatou todavia o altar consagrado e o velho idolo do *gosto*. É verdade que o *gosto*, sacudido no seu somno secular por mãos juvenis, teve de abandonar as vestes antigas e compromettedoras do *classico* e de se fazer (ou deixar que o fizessem) *romantico*. Era já um grande passo, confessemol-o: simplesmente, este primeiro passo, timido ainda, obrigava a dar um segundo e mais decisivo — e esse é que não se deu.

Nem se podia dar. Devemos muito áquellas duas gerações, é justo confessal-o. Mas a sua missão foi outra, e outro o seu trabalho. N'este empenho de fazer penetrar o espirito philosophico na historia da litteratura patria, e de levantar entre nós a critica á altura em que mãos vigorosas e illustras a têm

collocado n'outros paizes, a geração nova achou-se sem predecessores nem mestres entre os escriptores nacionaes, e teve forçosamente de se virar para os estranhos. D'aqui uma certa confusão, a adopção quasi *sur parole* dos systemas estrangeiros, e algum mau estylo...

Entretanto, a sua vocação é essa, evidentemente critica e philosophica. Menos criadora e espontanea, e libertada já dos preconceitos da educação tradicional, a nova geração tem por área natural dos seus trabalhos os estudos criticos e as idéas geraes. A historia philosophica, a philologia, as sciencias soiaes, eis o vasto campo que, entre nós, a sua actividade tem de desbravar e fecundar.

Na historia litteraria, os primeiros passos n'este caminho fôram dados corajosamente por um trabalhador dotado de energia e perseverança singulares, o snr. Theophilo Braga. Pódem disputar-lhe qualquer outra especie de gloria, menos esta, já não pequena, de iniciador. A consideração do que ha de viril e quasi heroico na attitude dos exploradores, faz-nos vêr na sua obra mais ainda o valor d'uma acção pessoal do que o das conclusões scientificas, e dá-lhe um merecimento independente das muitas imperfeições e lacunas, que seria pueril pretender dissimular.

Com effeito, a sua gloriosa iniciativa é compensada, como gèralmente acontece aos iniciadores, por defeitos graves: dous, que resumem e d'onde se originam todos os outros: a impaciencia, que leva

a conclusões prematuras, e o espirito systematico, que leva a conclusões falsas. Por um lado, uma *verdura* (se assim se póde dizer) de theorias e explicações mais ou menos phantasiosas, e por outro lado uma inflexibilidade canonica na applicação stricta de certas formulas aos problemas os mais complexos, dão muitas vezes aos seus livros aquella feição singular de inconsistencia e ao mesmo tempo de dogmatismo, de aventuroso e juntamente de acanhado, que caracteriza os trabalhos sem precedentes, filhos da febre da innovação e do isolamento. O grande merecimento d'estes livros póde dizer-se que consiste ainda mais em ter levantado as questões do que em tel-as definitivamente resolvido.

Ha, todavia, lados verdadeiramente solidos nas obras do snr. Theophilo Braga. O seu talento é muito mais analytic do que generalizador; d'aqui, a inferioridade relativa das suas apreciações philosophicas, comparadas com os seus trabalhos propriamente criticos. N'estes, que constituem a parte mais séria e fecunda da sua obra, encontramos os processos da sciencia, como os têm comprehendido os mestres d'este seculo, applicados geralmente com discernimento, com uma grave despreoccupação de tudo o que não é a logica e a verdade, e dando resultados positivos, muitos dos quaes se devem considerar definitivos. Distinguem-se por estas qualidades, entre os volumes da sua grande historia da litteratura portugueza, já publicados, os estudos sobre Sá de Miranda e a sua escola, sobre os poetas

palacianos do seculo XV, e sobre o theatro portuguez nos seculos XVII e XVIII. Ha novidade e ao mesmo tempo segurança em muitas partes d'aquelles estudos: entrevêem-se as revoluções litterarias, no que ellas têm de mais intimo, isto é, nas suas relações com os costumes e as opiniões que se transformam; assiste-se ao nascimento e á decadencia das escolas; vêem-se as razões do progresso de certos generos, do estacionamento ou esterilidade de certos outros. Ha alli verdadeiras descobertas biographicas e chronologicas, e mais d'uma aproximação feliz que lança uma luz nova sobre os assumptos. Apesar da fraqueza e ás vezes puerilidade de certas induções, do abuso da intuição como processo scientifico, da nimia importancia dada a particularidades insignificantes, da repetição e distribuição pouco logica das materias, deve esta parte da obra do snr. Theophilo Braga (a analytica e critica) ser considerada não só como o que ha de mais solido no edificio levantado por suas mãos laboriosas, mas ainda como um trabalho em si, de indisputavel valor.

O lado inferior e fragil, a meu vêr, são as theorias geraes, a parte philosophica. Sente-se que não é essa a vocação do talento do snr. Theophilo Braga. Ao mesmo tempo chimerico e systematico, dá ás suas doutrinas geraes uma feição dogmatica, que lhes tira aquelle poder de ductilidade e comprehensão, sem o qual uma theoria, para accommodar os factos ao seu rigor inflexivel, tem de os forçar umas vezes e outras vezes de os pôr de lado—isto é, não

passa d'uma pura abstracção. É isto o que torna abstrusas certas obras, como a *Poesia do Direito*, por exemplo. É isto mesmo o que encontramos na maneira por que o snr. Theophilo Braga comprehende e explica a philosophia da historia litteraria portugueza. Seguindo Schlegel e a escola romantica allemã do começo d'este seculo, tomou uma theoria incompleta e d'uma applicação muito particular por um principio universal, applicavel a todas as litteraturas, e fez d'ella o molde em que a litteratura portugueza devia entrar, *coute qui coute*. Sabe-se que aquella escola considerava a litteratura, juntamente com todas as outras fórmas da civilisação, direito, arte, etc., como a expressão genuina do *genio da raça*, subordinando a nacionalidade, em todas as suas manifestações, a um ponto de vista puramente ethnologico. Só a raça, na sua espontaneidade nativa, era verdadeiramente criadora, só ella original: a tradição, como intrusa, devia considerar-se o elemento esterilizador, e as obras por ella inspiradas falsas, *anti-nacionais*. Applicando estes principios ás sociedades que se formaram na Europa sobre as ruinas do imperio romano, a escola romantica oppoz á cultura tradicional o genio popular, ao romanismo as nacionalidades. Viu por toda a parte o dualismo; d'um lado, o espirito monarchico e ecclesiastico, formalistico e estreito, conservador das tradições latinas: do outro lado, o povo, todo espontaneo, traduzindo a originalidade do seu genio em criações livres e verdadeiramente inspi-

radas: por toda a parte uma raça original lutava contra tradições esterilizadoras, que tentavam sufocá-la. A idade média fôra o theatro d'esse combate: a Renascença e os seculos XVII e XVIII pareceram, com a influencia universal do *classico*, dar o triumpho definitivo ao espirito tradicional; porém o seculo XIX, a grande era das reivindicações, erguendo a bandeira do romantismo e das nacionalidades, ia evocar de novo o genio das raças, adormecido no seio do povo, retemperando as nações no baptismo sagrado das *origens*.

Quem não vê o que ha de falso n'esta these, apresentada assim d'uma maneira absoluta? mas quem não vê tambem quanto ha de verdadeiro e profundo no ponto de vista ethnologico, desde o momento em que, deixando de ser o fundamento do systema, se considere apenas como um dos elementos componentes d'elle, embora um dos mais consideraveis? Quem não vê, sobretudo, a fecunda influencia d'esse ponto de vista sobre os estudos litterarios, o conhecimento das origens, a comprehensão das criações populares, a renovação da critica? Pôde dizer-se que o que ha de mais falso n'este systema é ser um systema; porque, contendo muita verdade, não é a verdade toda. É muito mais incompleto do que erroneo; porque, se o genio de cada raça fornece com effeito os elementos e como que a materia prima das civilizações, a cultura e a tradição representam o trabalho de aperfeiçoamento do espirito humano, accumulado, que desenvolve aquelles ele-

mentos e, fazendo por assim dizer fermentar aquella materia primitiva, lhes dá uma fôrma nova e superior. Para os povos sem precedentes nem tradições d'um mundo anterior, que começam isolados o trabalho da civilisação desde os seus inicios, e cujas criações representam apenas o fundo originario fornecido pelo character da raça, como fôram os indios desde o Rig Veda até Kalidassa, os gregos até Alexandre, e os scandinavos até á conversão ao christianismo, para esses é aquella theoria rigorosamente verdadeira. Mas como applical-a á Europa da idade média, a esse mundo tão complexo, e que, com ser fundado sobre a ruina do imperio romano, é todavia uma continuação e em grande parte um desenvolvimento da civilisação romana? Na vida dos povos modernos entraram desde o berço energicos elementos latinos que, absorvidos com maior ou menor sympathy, em maior ou menor quantidade, e combinados com os elementos primitivos, constituiram o *temperamento* particular de cada uma d'essas nações, o seu genio nacional. Esse genio é pois complexo, e complexo o character das suas criações: reduzil-as a um principio unico é querer de proposito acanhar a historia, proscrevendo arbitrariamente épocas inteiras.

A originalidade de cada uma das modernas litteraturas da Europa está, não em representar os caracteres primitivos de tal ou tal raça, mas sim os momentos de desenvolvimento d'esses caracteres, na sua combinação gradual com aquelles elementos es-

tranhos, que, sob fôrma de tradição, constituem ha mais de dous mil annos o fundo commum da civilisação europêa. N'estes termos, a theoria romantica tem o seu valor e a sua applicação. Applica-se tanto mais quanto menos *romanisado* (isto é, civilisado) foi o povo cuja litteratura se estuda; mais á Allemanha do que á França; muito á Inglaterra, muito pouco á Italia; muito mais á Hespanha do que a Portugal; em absoluto, a nenhum se pôde applicar. A mesma litteratura allemã (sahida da raça que menos elementos latinos absorveu) será por ventura exclusivamente *germanica*? Seria um paradoxo affirmal-o. Do seculo IX em diante a pureza do elemento germanico altera-se, e cada vez mais turvo segue de seculo para seculo. O grande fundador da litteratura allemã, Luthero, que começa com a Reforma a reacção do germanismo contra o romanismo, representará acaso na sua obra, nas suas idéas, nos seus escriptos, o elemento germanico puro, estreme, exclusivo? Pelo contrario, se o character de Luthero é essencialmente allemão, a *doutrina* de Luthero essa é quasi completamente extra-allemã, filha da Biblia hebraica e do platonismo grego. E Leibnitz? e Lessing? e Goethe, o *velho pagão*? . . . Se os romantics allemães quizessem ser completamente logicos, tinham de fazer terminar o periodo nacional da litteratura allemã no seculo X, com os Niebelungen, ou quando muito no seculo XVI, com os Meistersaenger: d'ahi por diante em parte alguma se encontra o *germanismo* puro. E todavia, é no seculo XVI

que verdadeiramente começa a grande época do pensamento allemão!

Eis as insolúveis difficuldades que levanta o systema ethnologico applicado ás litteraturas modernas, ainda mesmo áquellas em que mais visiveis são as influencias de raça. Que será então, se o quizermos applicar a uma nação sem base ethnographicamente definida, como a portugueza, criação da politica e não da natureza, das instituições e não da raça, e que mais que nenhuma outra, talvez, absorveu e fez seu o genio da civilisação romana? Evidentemente, a theoria romantica não póde ter aqui senão uma applicação muito limitada e muito secundaria: e é por ter desconhecido esses limites que o snr. Theophilo Braga, collocando-se exclusivamente no ponto de vista ethnologico, não conseguiu, apesar da sua competencia scientifica e provada capacidade, dar senão uma solução incompleta e muitas vezes forçada ao problema da systematisação e explicação geral da litteratura portugueza. Dominado pela necessidade de dar por fundamento ao genio nacional o genio d'uma raça primitiva e *sui generis*, teve, por assim dizer, de inventar para Portugal essa raça primitiva. Estendeu um facto particular de certas provincias, a existencia das populações mosarabicas, a todo o paiz; e, transformando esse phenomeno puramente social em phenomeno ethnologico, fez dos mosarabes uma raça distincta, cuja profunda espontaneidade, apesar de prematuramente suffocada, se revelou em criações sentimentaes, que o snr. Theophilo Braga

laboriosamente trata de descobrir, e que, segundo elle, teriam dado á litteratura portugueza uma feição original, se a tradição classica não tivesse obstado ao desenvolvimento livre d'esse cyclo verdadeiramente nacional. Esta esterilizadora tradição classica vê-a o snr. Theophilo Braga representada na aristocracia asturoleoneza romanizada, authoritaria e imitadora. A aristocracia, pela instituição monarchica, pelo catholicismo, pelo provençalismo, depois pela reforma dos foraes, o direito romano e o poder absoluto, suffoca o livre genio mosarabico e faz da litteratura portugueza, que nas mãos poeticas do mosarabe promettia ser um jardim oriental, um triste deserto de imitações estereis e infesadas, onde só por milagre a seiva primitiva faz de longe em longe rebentar alguma flôr doentia, fadada a morrer sem se propagar. D'aqui conclue o snr. Theophilo Braga que litteratura verdadeiramente *nacional* nunca chegou a haver entre nós.

Expôr esta doutrina, nas suas conclusões extremas, é quasi refutal-a. Nem as populações mosarabicas constituiram uma raça, nem a área por ellas occupada se estendeu a todo o paiz, nem na sociedade portugueza existiu nunca o supposto dualismo, a opposição do mosarabe plebeu e do aristocrata godo: nada d'isto se póde provar scientificamente, nem mesmo racionalmente conjecturar. Os mosarabes, isto é, os christãos, que, tendo accetado o dominio dos arabes, viviam no meio d'elles, adoptando-lhes os costumes, mas conservando a antiga religião, não

formaram um grupo ethnographicamente classificavel: eram, como é ainda hoje toda a população da Peninsula, exceptuados os Bascos, um mixto formado pelo sangue ibero, romano, godo e arabe, em proporções extremamente variaveis de região para região. Que tem isto que vêr com uma raça particularmente portugueza? — Depois, essas populações mosarabicas pouco se estenderam ao norte do Mondego: ora, é exactamente do Mondego para o norte que residiu durante os primeiros seculos a força da nacionalidade portugueza, d'ahi que partiu o grande impulso emancipador. Não fõram pois os mosarabes os fundadores d'essa nacionalidade, nem os criadores do seu character particular. Temos vivido e vivemos ainda hoje d'esse espirito de intrepida personalidade, que fez então erguerem-se os homens energicos do norte de Portugal, não do *genio mosarabe*, que (ainda que tivesse existido) seria sempre secundario.

Finalmente, a opposição do mosarabe e do aristocrata godo reduz-se simplesmente á opposição da plebe e da aristocracia, facto social e não ethnologico, geral em toda a Europa, e que nada tem que vêr com a originalidade das litteraturas. A aristocracia, durante seculos, não esmagou ou suffocou o espirito das populações inferiores, nem entre nós nem em parte alguma: civilisou. Depositarias das tradições romanas e, ao mesmo tempo, representantes do genio de cada nacionalidade, no que elle tinha de mais energico, as aristocracias exerceram uma legitima influencia iniciadora, e, durante 600 ou 700

annos de formidavel tumulto heroico, dispozeram os elementos com que as monarchias da Renascença constituíram definitivamente as nações modernas. Dar á aristocracia um papel todo negativo é querer reduzir ao absurdo, com uma pennada, sete seculos da historia da Europa e contradizer um dos resultados mais seguros da moderna sciencia historica, a classificação dos elementos sociaes e a importancia de cada qual na obra commum.

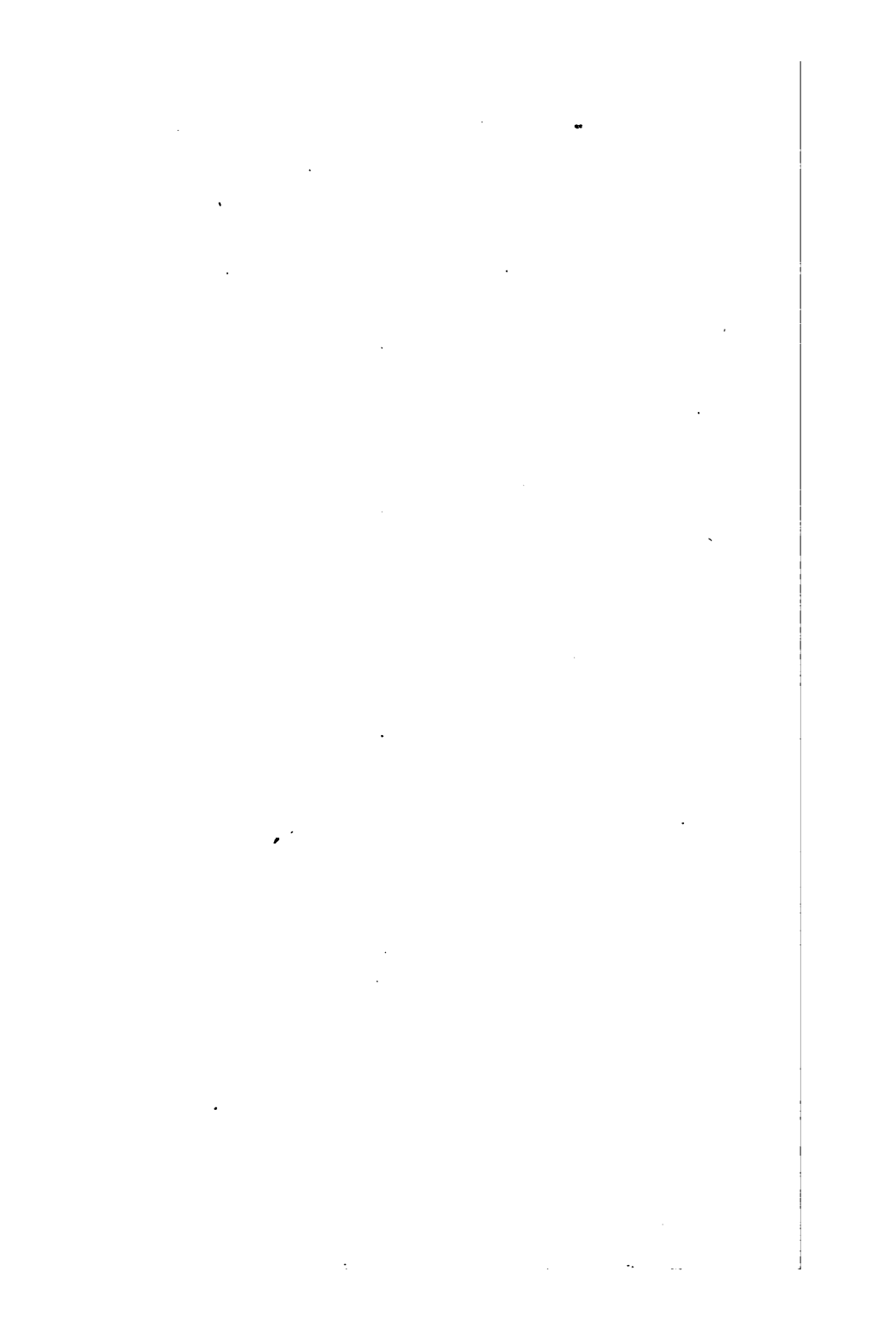
O erro dos principios vê-se sobretudo nas conclusões. Com effeito, uma vez estabelecido o dualismo e considerado o povo portuguez como mosarabe, e o mosarabe como só inspirado e criador, toda a litteratura culta tinha forçosamente de ser condemnada pelo snr. Theophilo Braga, como anti-nacional, recebendo fóros de nacionalidade sómente a poesia popular: tudo mais não passa de imitação, copia servil, e, como tal, esteril e sem importancia aos olhos da philosophia. Esta larga parte da imitação na nossa litteratura descobre-a o snr. Theophilo Braga com exemplar erudição e excellente critica, mostrando claramente as influencias provençal, franceza, hespanhola e italiana a que obedeceu a litteratura portugueza. Mas não é no facto das imitações que está a questão. Esse facto não se dá só connosco; dá-se em todas as litteraturas das nações da Europa então cultas. A influencia provençal fez-se sentir na França, na Italia, na Hespanha e até na Allemanha; os poemas francezes fôram, por seu turno, traduzidos e imitados por toda a parte na

idade média, e as litteraturas hespanhola e italiana tiveram tambem o seu momento de se tornarem europêas. Que prova isto? Prova simplesmente que já na idade média a Europa formava uma especie de confederação moral, e que a troca dos pensamentos, das descobertas, das criações artisticas era já então uma lei natural para nações todas christãs, herdeiras todas da civilisação romana. Mas essa troca não implica a abdicção das originalidades nacionaes. Na adopção das idéas estrangeiras cada povo recebe o que convém ao seu temperamento particular, dá-lhe uma feição propria, e pôde mostrar a originalidade do seu genio dentro das fórmulas recebidas dos outros. Poucas, pouquissimas obras *originaes*, no sentido exclusivo e absoluto em que o snr. Theophilo Braga toma esta palavra, nos apresentam as litteraturas dos povos ainda os mais criadores: n'esse sentido não é original Virgilio, nem Dante, nem Camões, nem Lope de Vega, nem Shakespeare, nem Corneillo, nem Gœthe. Mas as litteraturas apresentam-nos muitas obras primas, formadas d'uma maneira nova e *original* com elementos estranhos ou já conhecidos. Por essas, tão bem como pelas outras, se pôde avaliar o character, as tendencias, o genio emfim do povo que as produziu, e é quanto basta para se poder affirmar que esse povo teve ou tem litteratura e que essa litteratura é original. O genio, em geral, e em particular o genio nacional, consiste muito mais na maneira *propria* de dispôr os materiaes herdados ou empres-

tados, do que na criação, como que inteiriça e d'um jacto, de elementos completamente novos e sem precedentes — *proles sine matre creata*. Ora a humanidade vive sobretudo de tradições, e ha para os povos como para os individuos um verdadeiro ensino mutuo, pelo qual cada um, sem deixar de ser o que é, aproveita da experiencia e do trabalho dos outros. O snr. Theophilo Braga, que é poeta e bom poeta, e além d'isso homem de gosto e consciencioso, por si apreciaria o valor d'estas verdades, se o espirito systematico não obscurecesse o seu bom juizo em se tratando da litteratura portugueza.

Quer isto dizer que as suas idéas, por incompletas, sejam inteiramente estereis para a historia da nossa litteratura? Por fôrma alguma. Ninguem, melhor do que o snr. Theophilo Braga, comprehendeu a alta significação da nossa poesia popular, que estudou com verdadeiro amor e respeito religioso: e este sentimento do *primitivo* e do *espontaneo* deve-o ao seu ponto de vista ethnologico. Por este sentimento pôde com muito tacto discriminar a parte da imitação e de convencional nas obras da poesia culta, embora, a meu vêr, concluísse mal do facto d'essa imitação. Por elle pôde caracterisar certas physiognomias originaes, até aqui mal comprehendidas, Gil Vicente, por exemplo. Em tudo isto a sua critica é excellente. E é por isso mesmo que os apreciadores do talento e das obras do snr. Theophilo Braga devem, me parece, fazer votos para que a sua sensivel imaginação o não seduza, com vagas miragens,

para fóra do campo dos trabalhos de analyse e critica, que são a sua vocação, arrastando-o para as regiões perigosas da synthese e da philosophia, onde a imaginação o o sentimento, essas fadas encantadoras, se transformam muitas vezes em perfidas ondinas e sereias, para mal de quem as segue com muito candida confiança.



II

Se a escóla ethnologica está representada, entre os escriptores novos, pelo snr. Theophilo Braga, a escóla social e historica — a unica, talvez, a que propriamente se devêra dar o nome de philosophica — acaba de achar igualmente entre nós um digno representante n'um escriptor moço e do maior futuro, o snr. Oliveira Martins, que n'um livro recente estudou, a proposito de Camões (e para nos explicar Camões), a litteratura portugueza do seculo XVI, no ponto de vista largo e comprehensivo, ao mesmo tempo politico e psychologico, que caracteriza esta ultima escóla.

N'este ponto de vista, a litteratura d'um povo, considerada como um todo symetrico, uma obra gigantesca e collectiva, apresenta-se como a expressão do seu espirito nacional, determinado não por tal ou tal elemento primitivo e, por assim dizer, physiolo-

gico, mas pelos elementos complexos, uns fataes outros livres, uns criados outros herdados, cuja synthese constitue a *idéa* da sua nacionalidade—raça, instituições, religião, tradição historica, e vocação politica e economica no meio dos outros povos. A idéa nacional, na sua evolução, determina gradualmente o que se póle chamar o temperamento da nação; e, se esta surda fermentação se manifesta em tudo, nos seus actos e nos seus pensamentos, revela-se sobretudo na sua imaginação, isto é, no seu ideal, cuja expressão mais livre é a arte e a litteratura. N'esta invisivel circulação da seiva interior ha periodos, periodos de revolução, de progresso, de retrocesso, de incubação ou de plenitude de forças: a estes correspondem invariavelmente os periodos artisticos e litterarios, com suas revoluções, suas variações de intensidade, lenta formação de escólas, morbidos estacionamentos, subitas e inflammadas florescencias. E, como n'esta vegetação collectiva, cada ramo, cada folha, cada fructo, se alimenta com a seiva commum e tem uma vitalidade proporcional á força que trabalha o grande tronco, o espirito individual acompanha o espirito nacional nas suas evoluções, gradua pela d'elle a sua intensidade: a sua liberdade interior tem por limites, realisando-se, as condições do meio em que se desenvolve, e o genio do artista, do poeta, ainda quando protesta e se revolta, é sempre *adequado* ao genio do seu povo e da sua época. É por aqui que a hystoria litteraria se liga á philosophia da historia, ou antes, que faz

parte d'ella. As grandes épocas litterarias coincidem com as épocas de plenitude do sentimento nacional, aquellas em que esse sentimento, tomando consciencia de si, se revela em obras harmonicas e complexas, que são como que o fructo definitivo da lenta elaboração das instituições, dos costumes, dos pensamentos. Reaes e juntamente ideaes, essas obras supremas dizem-nos ao mesmo tempo o que um povo *foi* e o que *quiz ser*, descobrem-nos a sua *aspiração* intima e marcam os *limites* dentro dos quaes lhe foi dado realisal-a. São o commentario moral das revoluções politicas e sociaes, e como que os annaes da consciencia nacional: e, para a philosophia, é na consciencia que a historia encontra a sua explicação definitiva e a sua final justificação.

O que diz Camões a quem, depois de o ter lido com olhos de homem de gosto, o relê com olhos de philosopho? Camões, responde o snr. Oliveira Martins, diz-nos o *segredo* da nacionalidade portugueza. Houve, com effeito, uma nacionalidade portugueza — por mais estranha que esta afirmação nos pareça, a nós, portuguezes do seculo XIX, que não atinamos a encontrar no presente uma *causa vivendi*: houve uma razão de ser tanto para as instituições como para os individuos, e uma idéa nacional, espalhada como a alma collectiva por todo este corpo, então vivo e agil. E não só houve uma nacionalidade portugueza, mas essa nacionalidade, superior aos impulsos cegos da raça e á fatalidade da geographia, produziu-se como uma obra do esforço e da vontade,

não resultado de obscuros instinctos primitivos, como um factio politico e moral, não como um factio ethnologico. Quando em Hespanha não havia ainda senão catalães, castelhanos, leonezes e navarros; em França provençaes, gascões, bourguinhões, bretões; em Allemanha suabos, austriacos, saxões, hanoverianos; em Italia tantos pequenos estados rivaes quantas cidades, e não se fazia bem idéa do que fôsse ser hespanhol, francez, allemão, italiano, porque estas palavras França, Hespanha, Allemanha, Italia designavam apenas vagas agrupações naturaes e não grupos organisados — em Portugal havia só portuguezes, e ser portuguez tinha uma significação definida e precisa. Este é o grande factio, diz o snr. Oliveira Martins, que faz d'elle o seu ponto de partida: d'aqui, a cohesão politica da nação; d'aqui, a sua physionomia moral. Essa cohesão é a unidade; essa physionomia é o patriotismo. O patriotismo, pondera acertadamente o snr. Oliveira Martins, é cousa muito distincta do amor da terra: e o patriotismo, como os portuguezes dos seculos XV e XVI o conceberam, foi um phenomeno moral quasi unico na Europa de então, e que os tornou muito mais parecidos com os romanos antigos do que com os povos seus contemporaneos. O patriotismo é uma idéa abstracta, que excede a capacidade toda sentimental da raça; o instincto naturalista da raça dá o amor da terra; não vai mais além: só a idéa nacional pôde dar o patriotismo, comprehendido á romana e á portugueza. O Cid batalha mais d'uma vez contra

os castelhanos, ao lado dos arabes; o condestavel de Bourbon vira a sua espada aventureira contra a França que o viu nascer; nem por isso deixa o Cid de ser um typo de bravura idealizado pelos hespanhoes, e o condestavel de Bourbon um leal cavalleiro para todos os cavalleiros de França; mas os Pereiras, combatendo ao lado dos castelhanos em Aljubarrota, são malditos, *arrenegados*; e, mais tarde o Magalhães será *portuguez no feito, porém não na lealdade*: apostataram da idéa nacional. Eis a grande differença. Esta noção do patriotismo cria uma ordem de sentimentos particulares dos individuos para com a nação, um modo de ser moral peculiar. É o dever patriótico, como o comprehendem em Roma Fabricio, Regulo, Catão, em Portugal Castro, Albuquerque—o dever patriótico, cuja expressão suprema é o heroismo. Leia-se a historia da Europa até ao seculo XVI: abundam os *bravos*, mas difficilmente se encontrarão os *heroes*, segundo o typo magnanimo que a antiguidade realisou, e que de novo e no seu ponto de vista realisou Portugal durante os seculos XV e XVI. No *peito illustre lusitano* havia então alguma cousa de grande e transcendente, que impellia a nação para um destino extraordinario e suscitava no meio d'ella os heroes, que deviam servir a idéa nacional com a abnegação tenaz e superior com que se serve uma idéa religiosa. É que o patriotismo é uma especie de religião civil. Foi por essa religião que, durante tres seculos, nos erguemos no mundo, para realisar um sonho gigan-

tesco e quasi sobre-humano: foi por ella tambem que cahimos exangues e desilludidos, porque a realidade faltou ao sonho, porque todo o sonho, com o seu idealismo, se exalta primeiro, perturba depois, transvia, endoudece aquelles que envolve nas suas nevoas phantasticamente luminosas, mas sempre enganadoras.

A época nacional portugueza, por excellencia, é o seculo XVI. Tudo concorre então para dar ao espirito dos portuguezes aquelle summo grau de tensão, que produz os grandes movimentos nacionaes. A nacionalidade rompe com impulso irresistivel os seus limites tradicionaes, transborda fremente como um rio caudaloso, e affirma-se na sua plenitude pelas descobertas e pelas conquistas. Dentro, a sua força é o resultado da sua concentração: pela reforma dos foraes, pela monarchia absoluta, pela expulsão dos judeus, attinge o maximo de unidade politica, social, religiosa, isto é, o maximo de poder sobre si mesma. Esta energica cohesão depura o sentimento nacional, dá-lhe uma segura consciencia de si, e leva-o áquelle grau de tensão em que o patriotismo, exaltando-se, se transforma n'uma especie de heroismo universal. A nação faz-se heroe: o heroismo é a sua atmospha ordinaria, o todos participam mais ou menos d'esse contagio sublimador. D'aqui, uma concepção particular da vida social, do direito, do dever, tanto para a nação como para os individuos. *Ser portuguez* é alguma cousa de especial, um *typo sui generis* de virilidade e nobreza, que todos procuram

realisar, e que a litteratura idealisa, de que ella se inspira na phase nova em que então entra. Com effeito, a esta evolução moral corresponde uma evolução litteraria. Á escóla provençal-castelhana, lyrica, aventureira e romanesca, succede a grave escóla italiana, com a feição nova que o espirito portuguez lhe deu, adoptando-a, isto é, moral e epica. Ao trovador Bernandim Ribeiro, ao popular Gil Vicente succedem Sá de Miranda e Ferreira, dous romanos. O velho typo cavalheiresco, phantasiado e sentimental, empallidece diante d'esse outro que surge, nobre e digno, quasi severo, o homem do dever, não da sensibilidade, que João de Barros, Ferreira e Miranda vão levantando, e que Camões virá collocar sobre o sublime pedestal epico.

Este typo, o verdadeiro typo portuguez do seculo XVI, como se revela nos *Lusiadas*, não é com effeito uma mera invenção do genio de Camões: é uma genuina criação nacional, um ideal do sentimento colectivo, que se foi gradualmente formando e depurando, até encontrar no grande poeta quem lhe dêsse uma expressão definitiva. É por isso mesmo que elle domina, de toda a sua altura, o pensamento e a obra de Camões. O que o poeta canta é o heroismo portuguez; o *peito illustre lusitano*: e todo o seu poema se resume n'isto, como n'esse poema se resume toda a vida moral portugueza durante um seculo. A razão intima dos acontecimentos, dos costumes, das opiniões encontra-se alli: explicam-se por elle, e só elles tambem o explicam completa-

mente. O poema e a sociedade são por seu turno texto e glosa que mutuamente se commentam.

N'este ponto de vista, historico e psychologico, não no 'ponto de vista meramente litterario d'uma esteril poetica de convenção, é que os *Lusiadas* devem ser estudados e comprehendidos — e cabe ao sr. Oliveira Martins a gloria de ter sido o primeiro a fazel-o, a gloria de ter *commentado* philosophicamente os *Lusiadas*. A esta luz tudo se explica na concepção do poema e na substancia moral d'elle: percebe-se a razão d'este estranho phenomeno, estranho e unico, do apparecimento d'um verdadeiro poema epico nacional em plena idade moderna.

Isto em quanto á concepção. Em quanto, porém, a certa ordem de sentimentos, que, no ponto de vista epico, são secundarios, mas que occupam um grande logar no poema, para os comprehender faznos o sr. Oliveira Martins considerar outro lado da physionomia tão complexa de Camões e da sua época. Com effeito, se Camões é um portuguez do seculo XVI, é ao mesmo tempo um artista da Renascença; d'aqui todo um lado dos *Lusiadas*, que excede a idéa nacional, e por onde este profundo poema se liga, não já á vida necessariamente estreita d'um simples povo, mas ao vasto movimento do espirito humano nos tempos modernos. Sem este lado, a significação dos *Lusiadas* seria meramente nacional e local, não europêa e universal: teriam só um valor historico e não philosophico tambem. Mas Camões, portuguez pelo character e pelo coração, era péla

intelligencia mais do que portuguez sómente. Respirava a atmospherá subtil e vivificante da Renascença: no seu vasto espirito, como no dos grandes artistas d'esse tempo, havia um lado mysterioso e profundo que se virava, não para o passado ou para o presente, mas para o illimitado futuro, presentindo já a revolução moral dos seculos XVIII e XIX. Se Camões, como portuguez é patriota e heroico, como homem da Renascença é pantheista; pantheista platonico e idealista, já se vê, como Miguel Angelo, Leonardo de Vinci, Shakespeare. Portuguez, exalta os feitos por onde o seu povo conquista entre as nações um logar proeminente: homem da Renascença, sente e interpreta a natureza com um naturalismo impregnado de idealidade, que é mais ainda o presentimento d'um mundo moral novo, do que uma imitação da antiguidade pagã. O sentimento pantheista da natureza, sentimento todo moderno, e que devia mais tarde chegar á plenitude em Rousseau, Goethe, Hugo, appareceu pela primeira vez em Camões. D'aqui, o character do seu espanto em face dos grandes phenomenos maritimos; d'aqui, a concepção do Adamastor; d'aqui, o sensualismo da primeira parte do canto XI e o idealismo da ultima. É por este lado que Camões toma logar entre os grandes espiritos, os *Lusiadas* entre as grandes obras dos tempos modernos. A imaginação prophetica do poeta anticipa tres seculos na historia psychologica da humanidade.

Com todos estes elementos, uns portuguezes, ou-

tros europeus, uns locais, outros universaes, recompõe o sr. Oliveira Martins a physionomia complexa de Camões e dos *Lusiadas*, com uma lucidez e segurança de critica verdadeiramente surprehendentes para quem considerar a completa novidade do seu trabalho. A sua luminosa synthese abraça o poeta, a obra e a época: e pela época, pelo poeta e pela obra faz-nos sentir a intima realidade da nação e a sua razão de ser historica. E n'essa mesma synthese comprehende-se tambem a sua decadencia; triplice decadencia, politica, moral, litteraria. Como? pela decadencia da idéa nacional. Com effeito, o patriotismo heroico do Portugal do seculo XVI continha em si mesmo os germens da propria dissolução. Era grande, mas não era justo: ora nada dura no mundo senão pela justiça. Tinha fatalmente de se corromper essa orgulhosa idéa nacional, fundada na violencia da conquista, na intolerancia religiosa e no despotismo politico. Os vicios interiores do organismo nacional appareceram bem depressa: appareciam já no tempo de Camões: nos *Lusiadas* encontram-se de vez em quando estrophes sombrias, que são como um lugubre *cras enim moriemur* lançado no meio das alegrias d'aquelle festim heroico. Era o futuro velado e lutuoso que o poeta entrevia n'um deslumbramento prophetico. A nação estava, com effeito, condemnada. O heroismo que tem de durar lança as suas raizes na região mais inalteravel, mais incorruptivel da consciencia humana, e as do nosso não chegaram lá: foi uma especie de *sezão nacional*; não

foi um acto reflectido, filho da liberdade moral, um esforço supremo pela justiça; foi apenas um egoismo sublime. Por isso, martyres da propria obra, a nossa quéda foi cheia de tristeza e confusão, nem nos ficou no rosto a serenidade luminosa dos verdadeiros martyres.

As paginas austeras em que o snr. Oliveira Martins estabelece esta distincção entre o heroismo da consciencia e o da fatalidade, e mostra Portugal condemnado por aquillo mesmo que fizera a sua virtude e a sua grandeza, são das mais gravemente pensadas que se tem escripto na nossa lingua. É a verdadeira philosophia da historia aquella sua, que reduz e subordina toda a actividade humana á consciencia e á justiça. A injustiça da idéa nacional, como os portuguezes então a conceberam, corrompeu gradualmente as instituições, infiltrou-se nos espiritos e perverteu os costumes: a sociedade, minada interiormente, vacillou, em despeito do esplendor mentiroso que exteriormente a vestia, e começou a desabar. O snr. Oliveira Martins desenhou com mão segura e vivissimo colorido o quadro das implacaveis realidades, que, produzidas pelo heroico idealismo portuguez, se viraram contra elle, o viciaram e acabaram por destruil-o. A nação, atacada d'este modo nos seus orgãos mais vitaes e na mesma alma, que podia produzir no mundo do espirito, da arte, da litteratura? Á decadencia social e moral tinha necessariamente de corresponder a decadencia litteraria. Um desregramento doentio das imaginações privadas de ideal, depois um estreito classicismo e

uma poetica de academias, succederam á livre e fecunda expansão do genio portuguez no mundo do sentimento e da phantasia. A idea nacional levou comsigo para a cova o segredo das criações poeticas. Do seculo XVI até hoje não produziu Portugal uma unica obra artistica ou litteraria verdadeiramente nacional. De vez em quando, n'alguns momentos excepcionaes, o genio d'alguns homens tem-se levantado como um protesto, e tem-se visto ainda uma ou outra obra viva. Mas essa inspiração é toda individual, não é nacional: é um producto natural, que póde demonstrar que a raça não morreu com a nacionalidade, não é filha d'um sentimento commum e como que organico da sociedade portugueza. A decadencia nacional é o grande factó inexoravel da nossa historia, vai em tres seculos: a decadencia litteraria é uma fôrma d'ella, nada mais.

Decadencia irremediavel? pergunta o snr. Oliveira Martins, nas ultimas paginas do seu livro. Não! responde-lhe a philosophia revolucionaria. A nossa renovação moral e litteraria será possivel no dia em que, pela reforma das instituições sociaes, por uma nova e melhor comprehensão da justiça, comece outra vez o espirito a circular n'este grande corpo, mais inerte ainda do que acabado, volte a animal-o uma alma, um ideal collectivo. Então Portugal terá de novo uma razão de ser, e a idéa nacional, mais brilhante e mais quente depois do seu eclipse secular, fará rebentar outra vez fructos e fôres d'este chão endurecido sim, mas debaixo do

qual ha ainda (embora a grande profundidade) fontes vivas em abundancia. As grandes acções serão outra vez possiveis, e um melhor e mais alto heroismo: por elle serão não só possiveis, mas quasi inevitaveis os grandes pensamentos poeticos. A renovação litteraria de Portugal é correlativa com a sua renovação social e está dependente d'ella: é a conclusão do livro do sr. Oliveira Martins, conclusão que todos devemos aceitar, não como uma vaga esperanza, mas como uma verdade philosophica cuja realisação não depende senão do nosso esforço, da energia do nosso sentimento moral. Somos os operarios do nosso proprio destino, e desde já as nossas mãos o vão aperfeiçoando: terá a fórma que lhe dermos.

N'este trabalho solemne da renovação nacional, grande é a tarefa que está talhada para a geração nova, e immensa a sua responsabilidade! Estará ella, pela intelligencia e pelo coração, pela sciencia e pela virtude, á altura d'esta obra austera e formidavel? Muitos o duvidam, vendo-lhe no rosto uma pallidez de mau agouro... Não me cabe a mim decidil-o: direi sómente que (quaesquer que tenham de ser os nossos destinos) para darem testemunho das intenções sérias d'uma parte consideravel da nossa geração, do seu espirito renovador, da sua aspiração a uma melhor sciencia, bastarão em todo o tempo obras como a *Historia da litteratura portugueza*, do sr. Theophilo Braga, e o *Ensaio sobre Camões*, do sr. Oliveira Martins.

9 de maio de 1872.

Estavam já escriptas e publicadas estas paginas, quando appareceu, com o titulo de *Desenvolvimento da litteratura portugueza*, a *These* do snr. Pinheiro Chagas, para o concurso da 3.^a cadeira no Curso superior de letras. N'esta resenha das opiniões, emittidas pelos escriptores da nova geração, sobre o systema geral da nossa litteratura, fôra injustiça não consagrar algumas linhas ao trabalho do snr. Pinheiro Chagas, já pelo valor do trabalho em si, já pela posição que seu author occupa entre os escriptores moços.

As conclusões da *These* do snr. Pinheiro Chagas são as seguintes :

1.^o—Que o povo portuguez não é constituido por uma raça especial, a que se dê o nome de mosarabe, comprimida sempre e atrophiada nas suas criações pela nobreza, constituida por outra raça, a que se dê o nome de asturiana.

2.^o—Que nem as inducções philologicas, nem os factos historicos, permitem que se dê ao povo portuguez uma origem germanica, e á aristocracia uma origem latina; que, pelo contrario, se algum dos elementos constitutivos da raça peninsular prodomina no povo, deve ser o elemento hispano-romano, e na aristocracia o elemento gothico.

3.^o—Que teve o povo portuguez, durante a idade média, uma vigorosa existencia, manifestada politi-

camente pela robusta vida municipal, litterariamente pela sua collaboração nos vastos romanceiros peninsulares, e pelas chronicas de Fernão Lopes.

4.º—Que a litteratura aristocratica aceitou a influencia provençal, a influencia da França do norte, e a influencia italiana, como succedeu nos outros reinos da Peninsula.

5.º—Que no seculo XVI a reacção latinista imperou aqui, da mesma fórma que em toda a Europa, mas que a originalidade do nosso povo se manifestou com o vigor admiravel na epópêa de Camões, no theatro de Gil Vicente, e nas chronicas dos descobrimentos.

6.º—Que a decadencia da nossa litteratura foi devida a tres causas deprimentes: o despotismo monarchico e centralizador, que imperou em todas as raças neo-latinas, o despotismo religioso que actuou com a mesma energia na Italia e principalmente na Hespanha, e a perda da nossa nacionalidade, que foi uma causa especial, devida a fataes circumstancias historicas.

Estas conclusões, como o leitor vê, entram, salvo leves differenças, no ponto de vista das considerações que apresentei, tanto combatendo o systema do snr. Theophilo Braga, como expondo e commentando o do snr. Oliveira Martins. Por isso não posso, sem me repetir escusadamente, insistir n'estes pontos. Concorde com o modo de vêr tão lucido e tão realmente portuguez, sem deixar nunca por isso de ser

científico, do snr. Pinheiro Chagas; e folgo de me encontrar (pelo menos n'este sereno campo da historia litteraria, onde se descança, entre flôres ideaes, de tantas luctas que separam os homens de hoje) em communhão de vistas com um espirito tão gentil e cultivado.

Desejo, porém, dar relevo a um ponto, por onde a *These* do snr. Pinheiro Chagas particularmente me impressionou. É o character eminentemente nacional e (vá a palavra, apesar de tão conspurcada pelos vendilhões de portuguezismo) *patriotico* da sua critica.

A sciencia, essa grande potencia imparcial, essa patria commum de todos os espiritos *bem nascidos*, está certamente muito acima do patriotismo, que tantas illusões offuscam, que tantas miserias até encobre ás vezes debaixo da sua apparatusa *toga pretexta*. Mas essa preferencia e esse sacrificio do patriotismo á sciencia dá-se só onde o patriotismo estreito ou refalsado tenta oppôr-se á luminosa sciencia, franca e comprehensiva. Então, caia por terra, seja derrocado sem piedade o edificio ruinoso do orgulho d'um povo! Passe a luz da intelligencia através das ruinas, e purifique-as! — Mas não é isso o que se dá com a historia litteraria portugueza. Cá não existe essencialmente tal opposição. Um largo patriotismo é perfeitamente compativel com a imparcialidade da critica, no estudo dos nossos poetas, dos nossos escriptores, durante 600 annos, que não foram sem gloria nem originalidade.

Vou mais longe. Direi que esse largo e justo sentimento patriótico é até indispensavel para bem comprehender o que houve n'este povo, na sua vida agitada, dramatica, heroica, a sua alma, a sua realidade moral.

Sim, existimos! e existimos como homens, pensando, sentindo, querendo, obrando. Criámos, descobrimos, combatemos; e podemos dizer ao mundo: «Aqui está o que nós amámos! aqui está o que nós odiámos!» — E o que é isto senão *sentir-se* portuguez e ser patriota? E como, sem isto, se poderá comprehender o que pensaram e escreveram portuguezes, e pensaram e escreveram como portuguezes?

A sciencia não contradiz isto. Parte, pelo contrario, d'este ponto de partida. E é em nome d'ella que o snr. Pinheiro Chagas diz com tanta verdade como energia: «os portuguezes não são os párias litterarios da Europa!»

Esta affirmacão do passado é-nos necessaria para podermos, através do presente tão cheio de melancolia, crêr e confiar n'um futuro melhor — e preparal-o virilmente.

Que significa pois essa pseudo-escóla, que, em nome de não sei que sonhada decadencia das raças latinas, deprime systematicamente quanto teve ou tem o nome de portuguez, e nos aponta o ideal d'um messianico germanismo (que nem talvez saiba definir), de uma absurda supremacia das raças germanicas, como a unica salvacão possivel?

Estranha salvacão, com effeito, para a qual é

necessario começarmos por deixar de ser quem somos! Aconselham-nos que imitemos pacientemente, sem critica e sem protesto, os exemplos dos nossos mestres e senhores, os allemães, unicos pensadores e sabios, ao que parece, sem verem que *imitação* importa *abdicação*, e que um povo que abdica do seu pensamento é um povo que se suicida!

Como se não bastassem já as nossas miserias actuaes, juntam-lhes mais esta, e capital: a descrença da nossa propria capacidade e da nossa vida moral. É este exactamente aquelle maximo peccado, que a Igreja considerou sem remissão: *deseperação de se salvar*.

Não é assim, pelo desespero e abdicação, que nos salvaremos. Não é assim que quem está prostrado se levanta; esperando que alguém lhe dê a mão. Esse tal jazerá eternamente.

Sejamos nós mesmos. Tenhamos esse valor, e tudo se tornará possível. Antes de tudo, convém crermos em nós mesmos, no passado como no presente. Crêr em si não é adorar-se. Podemos ter essa crença, sem santificarmos por isso os nossos vicios, sem nos illudirmos sobre as nossas miserias antigas e modernas, sem nos endurecermos na nossa ignorancia e confusão. Podemos crêr em nós, e confessarmos os nossos erros: quem se suicidou só por que uma vez se reconheceu peccador? Se errámos e peccámos (e peccámos e errámos bastante), reformemo-nos corajosamente, mas seguindo sempre uma inspição propria, consultando a nossa alma, não a dos

outros, a voz da nossa consciencia, não a da consciencia alheia.

Foi isto o que fez essa Allemanha, que nos impõem como modêlo os que talvez menos a conhecem, essa Allemanha, que eu admiro, a quem devo muito, mas a quem quero seguir livremente, com um plenissimo direito de critica, e consultando sempre os meus intimos instinctos de *latino*, que sou e não me envergonho de ser. A Allemanha, perdida, ensanguentada, esquartejada em 1808, que fez para não morrer de todo? que fez para voltar á vida, mais robusta e sadia do que nunca? Imitou a França vencedora? renegou do *genio germanico*? não: concentrou-se em si mesma; appellou para o seu *genio historico*, e elle respondeu-lhe com inspirações salvadoras. Foi, mais que nunca, *allemd*.

Sejamos, pois, nós todos, francezes, hespanhoes, italianos, portuguezes, mais que nunca *latinos*.

Ha um *genio latino*, como ha um *genio germanico*. A historia o revela: e, quando a historia fosse muda, a nossa consciencia bradaria sempre, dando-lhe o seu nome.

É a Revolução.

É este o pensamento secular das raças latinas: a revolução moral, politica e social. Concentremo-nos n'elle. Só a elle peçamos inspirações. Com essa fé *abalaremos montanhas*. O momento actual é turvo, certamente; mas a revolução tem luz e calor bastante em si, não só para dissipar um nevoeiro momentaneo, mas para dar vida a um cahos.

Os germanicos, cuidando-se originaes, fazem imperios: nós, latinos, desfazamol-os. Reformam velhas religiões: prescindamos nós d'ellas. Reconstituem, com os milhões do espolio, uma nova aristocracia: dêmos nós aos povos a igualdade social.

.....

Peço perdão ao snr. Pinheiro Chagas. Já não estamos tanto de accordo como ha pouco. Certamente que não quererá admittir todas as conclusões que eu tiro da sua *These*. Mas estão lá: estão no seu ponto de vista nacional e latino, que é o meu tambem.

O snr. Pinheiro Chagas tem muito espirito para não ser revolucionario, no grande e verdadeiro sentido da palavra. Se eu lhe disser que a sciencia é a Revolução, e que a Revolução não é mais do que a sciencia, toda a sciencia, applicada a todas as espheras da actividade humana, e feita vida — o snr. Pinheiro Chagas de certo me responde que, assim, tambem quer ser revolucionario.

Ora a Revolução não é outra cousa.

Estudemos, pois, todos.

20 de junho de 1872.

FIM



